



Apresentação do volume 29 da Revista Veredas - História da Gramática, da Antiguidade ao mundo contemporâneo: origens, percursos e desenvolvimentos

Christiano Pereira de Almeida¹, Fernando Adão de Sá Freitas²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil

Continua, no entanto, a ser verdade que um campo científico somente alcança a sua maturidade quando se dá conta da sua própria história, mostrando-se um sério interesse em tê-la documentada.

Konrad Koerner (2014 [2001b], p. 122)

O volume 29 da *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos* – reúne trabalhos sobre a História da Gramática, em um período que abrange desde a Antiguidade até o mundo contemporâneo. Os textos aqui apresentados trazem contribuições inéditas sobre as origens, os percursos e os desenvolvimentos da gramaticografia ao longo do tempo. Por meio das discussões erigidas nos artigos deste volume, é possível observar que a gramática, enquanto gênero textual, foi elaborada e desenvolvida nas mais variadas culturas e sociedades desde a Antiguidade, cujo escopo engloba não só as tradições ligadas às sociedades antigas ocidentais – a grega e a latina – mas também outras tradições em seus desdobramentos e temporalidades posteriores, da recepção medieval às gramáticas modernas, chegando às gramáticas descritivas e prescritivas da contemporaneidade.

¹ E-mail: christiano.almeida@ufjf.br | ORCID: 0000-0003-2673-3440

² E-mail: fernando.freitas@visitante.ufjf.br | ORCID: 0000-0002-7089-9061

A citação, em epígrafe, de Konrad Koerner (2014 [2001b], p. 122), auxilia-nos, portanto, no entendimento de que a História das Ciências de Linguagem tem uma função importante dentro das reflexões sobre a linguagem, ao destacar que a dimensão histórica é fundamental para a profissionalização e amadurecimento da Linguística. Assim, por meio da história da gramática, é possível acessar, em algum grau, as primeiras considerações mais sistematizadas acerca dos saberes das línguas e da linguagem. A gramaticografia, dessa forma, serve-nos de ponto de partida para várias incursões no campo das ciências da linguagem.

Assim, os artigos deste volume possuem contribuições que abordam aspectos dessa longa trajetória intelectual, e que discutem as origens, percursos, relações e desenvolvimentos ao longo da história, em suas relações com a cultura, as línguas, seu ensino e compreensão.

No artigo, “A tradução da *Sintaxe* de Apolônio Díscolo por Fred Householder e as guerras linguísticas”, João Kuhn Schoreder realiza uma reflexão sobre a relação entre a tradução da *Sintaxe* de Apolônio Díscolo pelo linguista estadunidense Fred W. Householder, publicada em 1981, e as disputas travadas no período denominado de “guerras linguísticas”, que se estende aproximadamente de 1967 até 1974. Para tal, procede-se ao exame de um percurso histórico passando por dois episódios da carreira de Householder que precedem a tradução. O primeiro, ainda anterior às “guerras”, é a disputa com Chomsky e Halle em 1965. O segundo é um livro sobre linguística geral publicado por Householder, em 1971, durante as “guerras”. A conclusão do pesquisador é que o contexto das guerras linguísticas oferece uma chave de leitura rica para compreender a tradução de Householder e, portanto, para compreender melhor a obra de Apolônio Díscolo e sua recepção.

Sobre a gramática no período romano, os pesquisadores Filipe Cianconi Rodrigues e Fábio Fortes, no artigo “*Marius Plotius Sacerdos, a patronagem e as evidências da autoria da ‘primeira’ ars grammatica*”, propõem esclarecer de que forma o prefácio do livro *de metris* (sobre a métrica), composto por Mário Plócio Sacerdote como terceiro livro de sua *ars grammatica*, traz à luz questões sobre a patronagem e sua importância para a recepção de evidências para verificar a autoria de outros dois livros. Os pesquisadores, para realizarem a tarefa, examinam o prefácio da obra, local em que Sacerdote cita o motivo que o levou a compor *de metris*, bem como mencionam o conteúdo de outros dois livros seus, cuja tradição apontara serem de autoria do gramático em análise. Assim, levantam a hipótese de que é possível identificar indícios de que Sacerdote seria o autor de todos os livros da trilogia.

No artigo, “A língua mais usada na costa do Brasil: uma análise historiográfica e ecolinguística do título da gramática de Anchieta (1595)”, Leonardo Ferreira Kaltner faz uma reflexão sobre o texto *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595), de autoria do missionário jesuíta José de Anchieta (1534-1597), texto considerado a primeira gramática do Brasil, uma vez que marca a chegada da metalinguagem ocidental ao território nacional. Com o objetivo de analisar o título da gramática a partir de uma leitura teórica interdisciplinar entre a Historiografia Linguística e a Ecolinguística, o pesquisador emprega o conceito de Ecosistema Fundamental da Língua (EFL). O título da gramática de Anchieta, portanto, como apresentado pelo pesquisador, pode ser considerado inovador em relação às gramáticas que estavam em seu horizonte de retrospectão. Além disso, o autor aponta que a interpretação dos sentidos históricos que o título apresenta pode revelar muito sobre as ideias linguísticas do missionário jesuíta.

O artigo “Gramatização e *soft power*: a escrita como ferramenta de legitimação hegemônica”, de Allan da Silveira Cordeiro, investiga e explicita a relação entre o processo de gramatização de línguas e o conceito de *soft power*, tendo em vista a padronização linguística como um mecanismo de influência política e cultural de nações hegemônicas. Ancorado nas concepções teóricas de Sylvain Auroux (1992) acerca da revolução técnico-linguística, o autor discute o impacto da escrita na normatização dos vernáculos europeus e a sua relação com o imperialismo linguístico. Para realizar a tarefa, o pesquisador utiliza uma metodologia qualitativa, fundamentada em análise documental e bibliográfica. Em sua síntese, pondera que os achados sugerem que a padronização linguística teve uma função relevante na construção de identidades nacionais e na disseminação de discursos hegemônicos, com destaque para o inglês como língua franca e seu papel no fenômeno da globalização. Por fim, o estudo também discute como instituições anglófonas promovem padrões normativos, reforçando a hegemonia linguística da Língua Inglesa em um contexto de assimetrias e disputas de poder.

O artigo, de Paulo Ângelo Araújo-Adriano, “O ensino da norma-padrão mediado por práticas científicas: observação, levantamento, testagem e avaliação de hipóteses” realiza uma reflexão acerca do descompasso entre o ensino tradicional da norma-padrão e o desenvolvimento de práticas científicas nas aulas de língua portuguesa, conforme exigido pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No estudo, o pesquisador argumenta em favor do ensino da norma-padrão. Para tal, leva em conta não só aspectos educacionais e culturais, mas também pragmáticos e legais. Assim, o texto mostra haver um descompasso entre o ensino tradicional da norma-padrão e o previsto por esses documentos legais e, alternativamente, propõe a reformulação do ensino da

norma-padrão, integrando a metodologia das ciências: observação, levantamento, testagem, refutação/corroboração de hipóteses. Para tanto, sugere novas abordagens para o ensino de norma-padrão, promovendo uma reflexão sobre como alinhar a prática pedagógica às demandas científicas exigidas pela BNCC, sem negligenciar a importância do conhecimento da norma-padrão.

Joanna Troufflard, Adrielle Saraiva Medeiros e Walter Marques Faro Neto, no artigo sob o título de “A experiência intercultural de discentes em um projeto de pesquisa sobre a imigração francesa em Belém do Pará”, tratam da experiência intercultural de dois discentes em um projeto de pesquisa sobre a imigração francesa em Belém. O texto tem como objetivo mostrar como a experiência vivida aproximou os alunos da Licenciatura em Letras-Francês da realidade cultural e linguística dos imigrantes franceses, criando uma oportunidade para um contato autêntico com o idioma francês e permitindo o desenvolvimento de uma competência intercultural, como definida por Zarate (1986), Abdallah-Pretceille (1997) e De Carlo (1998). Para as pesquisadoras, os resultados apontam que a experiência vivida e relatada pelos estudantes trouxe um aumento da motivação, um mergulho nas diferenças culturais, uma reflexão sobre a própria identidade dos discentes e uma desinibição da expressão oral em língua francesa.

Por fim, o artigo “Aspectos da dêixis espacial em narrativas orais amazônicas: uma análise sociocognitiva e cultural”, de Heliud Luis Maia Moura, apresenta um estudo do fenômeno da dêixis enquanto uma atividade textual-discursiva, constitutiva tanto de textos orais quanto de textos escritos, sendo concebida como um fenômeno discursivo-enunciativo, uma atividade interacional pela qual as interações acontecem, mais precisamente, nas relações em que estão inseridos os interlocutores. Para estabelecer a sua análise, o autor explora duas narrativas orais coletadas em comunidades do interior da Amazônia, de modo a observar a forma como determinados dêiticos (re)constroem espaços referencial-culturais. Os resultados da pesquisa apresentada permitem vislumbrar que as construções referencial-dêiticas, especificamente as dêiticas, são constitutivas de práticas culturais situadas, construídas dinamicamente pelos contextos em que são mobilizadas, particularmente nos *loci* em que as narrativas sob investigação são (re)contadas.

Com este volume, portanto, apresentamos uma pequena amostra dos trabalhos que podem ser agrupados sob a denominação de *História da Gramática*, um campo de grande abrangência e indispensável para a compreensão e a reflexão sobre os que se enquadram no campo das Ciências da Linguagem. Esperamos, com isso, oferecer aos nossos leitores um pequeno panorama que possa contribuir para o debate acerca desse tema, que é fundamental para os

estudos que tomam a linguagem como o seu objeto.
